

Leia "Lucy", conto inédito de Truman Capote

TRUMAN CAPOTE

tradução CLÓVIS MARQUES

Folha de S.Paulo, Ilustríssima, 28/02/2016

SOBRE O TEXTO Datado de 1941, "Lucy" é um dos "Primeiros Contos de Truman Capote", encontrados em 2013 pelo editor suíço Peter Haag em meio aos arquivos do autor na Biblioteca Pública de Nova York. O volume, com histórias inéditas que Capote escreveu entre o fim da adolescência e o começo da vida adulta, sai no Brasil pela José Olympio, no final de março.

Lucy era realmente o produto do amor de minha mãe pela culinária sulista. Eu estava passando o verão no Sul quando minha mãe escreveu a minha tia pedindo que encontrasse uma mulher de cor que soubesse cozinhar de verdade e estivesse disposta a vir para Nova York.

Depois de explorado o território, o resultado foi Lucy. Sua pele era de um azeitonado profundo, e seus traços eram mais finos e leves que os da maioria dos negros. Ela era alta e razoavelmente arredondada. Fora professora na escola de crianças de cor. Mas parecia dotada de uma inteligência natural, não formada por livros, e, sim, uma filha da terra com profunda compreensão e compaixão por todos os seres vivos. Como a maioria dos negros do Sul, era muito religiosa e ainda hoje consigo vê-la sentada na cozinha lendo sua Bíblia, declarando muito séria que era uma "filha de Deus".

De modo que ganhamos Lucy, e quando ela desceu do trem naquela manhã de setembro na estação Pensilvânia, o orgulho e o sentimento de triunfo transpareciam no seu olhar. Ela me disse que a vida inteira quisera vir para o Norte, em suas palavras, "viver como um ser humano". Naquela manhã, sentia que nunca mais na vida desejaria ver pela frente Jim Crow, com seu fanatismo religioso e sua crueldade.

Na época, morávamos num apartamento na Riverside Drive. De todas as janelas da frente tínhamos uma excelente vista do rio Hudson e dos Penhascos de Jersey, erguendo-se majestosos para o céu. Pela manhã, eles pareciam arautos saudando o alvorecer e, ao cair da noite no pôr do sol, quando a água era tingida pela confusão de tons rubros, os penhascos cintilavam magnificamente, como sentinelas de um mundo antigo.

Às vezes, ao pôr do sol, Lucy sentava junto à janela do apartamento e ficava contemplando amorosamente o espetáculo do cair da noite na maior metrópole do mundo.

– Hum, hum –dizia então–, se Mamãe e George estivessem aqui para ver isto.

E no início ela gostava das luzes fortes e de todo aquele ruído. Quase todo sábado me levava à Broadway e nós fazíamos uma farra teatral. Ela adorava os vaudevilles, e o luminoso da Wrigley por si só já era um espetáculo.

Lucy e eu estávamos sempre juntos. Às vezes, de tarde, depois da escola, ela me ajudava no dever de matemática, pois era muito boa em matemática. Lia bastante poesia, mas não entendia muito do assunto, apenas gostava do som das palavras e às vezes dos sentimentos por trás delas. Foi por causa dessas leituras que percebi o quanto ela sentia saudades de casa. Quando eram poemas com um tema ligado ao Sul, ela os lia lindamente, com um sentimento de compaixão único. Com sua voz suave, recitava os versos com ternura, claramente, e, se eu desse uma olhada rápida, podia ver que havia um iníciozinho de lágrima brilhando no intenso negrume daqueles olhos. E então ela dava uma risada, se eu tocasse no assunto, e dava de ombros.

– Mas foi lindo, não foi?

Quando estava trabalhando, Lucy sempre acompanhava o que fazia cantando suavemente um "blues" do mais puro. Eu gostava de ouvi-la cantando. Certa vez, fomos ver Ethel Waters, e ela passou vários dias andando pela casa imitando Ethel, e acabou anunciando que ia participar de um concurso amador. Eu nunca vou esquecer esse concurso. Lucy ficou em segundo lugar, e eu, com as mãos doendo de tanto aplaudir. Ela cantou "It's De-Lovely, It's Delicious, It's Delightful". Até hoje eu lembro a letra, de tantas vezes que a ensaiamos. Ela morria de medo de esquecer os versos e, quando subiu ao palco, sua voz tremia só um pouquinho, exatamente para ficar parecendo com Ethel Waters.

Mas Lucy acabou abandonando a carreira musical, pois conheceu Pedro e não tinha muito tempo para outras coisas. Ele era um dos trabalhadores do prédio, e ele e Lucy viviam grudados. Lucy só estava em Nova York havia cinco meses quando isso aconteceu e, tecnicamente, ainda estava verde. Pedro era muito esperto, usava roupas espalhafatosas, e além do mais eu ficava furioso porque não conseguia mais ir aos shows. Mamãe achava graça e dizia:

– Parece mesmo que a perdemos, ela também vai virar uma nortista.

Ela nem parecia estar ligando muito, mas eu ligava.

No fim das contas, Lucy também não gostava de Pedro e então ficou mais solitária do que nunca. Às vezes eu lia sua correspondência, quando ela a deixava aberta pela casa. Eram coisas mais ou menos assim:

Querida Lucy,

é o seu Pai ele ficou doente, de cama. Mandou dar um oi pra você. A gente acha que agora que você tá aí você não tem mais tempo pra gente que é pobre. Seu irmão George ele foi pra Pensacola, ele trabalha lá na fábrica de garrafa.

A gente te ama muito,

Mamãe

Às vezes, tarde da noite, eu a ouvia chorando baixinho em seu quarto, e então entendi que ela ia voltar para casa. Nova York era uma imensa solidão. O rio Hudson ficava sussurrando "rio Alabama". Sim, rio Alabama, com suas águas barrentas avermelhadas cheias até a margem e seus pequenos afluentes pantanosos.

Todas aquelas luzes –faróis brilhando na escuridão, o canto solitário de um noitibó-oriental, um trem soltando seu grito melancólico na noite. Cimento duro,

ação brilhante e frio, fumaça, coisas caricatas, o barulho abafado do metrô nos subterrâneos úmidos. Trepidação, trepidação –gramados verdes e macios– e também o sol, quente, muito quente, mas tão reconfortante, pés descalços, e um regato fresco com areia no fundo e seixos redondos e macios como sabonete. Cidade não é lugar para ninguém nesse mundo, Mamãe está me chamando de volta. George, eu sou filha de Deus.

Sim, eu sabia que ela ia voltar. De modo que, quando me disse que estava indo embora, não me surpreendi. Abri e fechei a boca e senti as lágrimas nos olhos e aquele vazio no estômago.

Ela se foi no mês de maio. Era uma noite quente e o céu sobre a cidade estava vermelho. Eu lhe dei uma caixa de doces, cerejas com cobertura de chocolate (pois eram as que ela mais gostava) e um pacote de revistas.

Mamãe e Papai a levaram de carro até a rodoviária. Quando saíram do apartamento, corri até a janela e me debrucei no parapeito para vê-los sair do prédio e entrar no carro, que lenta e suavemente foi desaparecendo.

E eu já podia ouvir Lucy contando: "Puxa vida, Mamãe, Nova York é maravilhosa, aquela gente toda, e eu vi estrelas de cinema em pessoa, puxa, Mamãe!".

TRUMAN CAPOTE (1924-84) escritor e dramaturgo americano, autor de "A Sangue Frio".

CLÓVIS MARQUES, 65, é jornalista e tradutor.